A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇAO DE LEITORES: O EDUCADOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR DESDE E EDUCAÇÃO INFANTIL

MARINA ALVES CORREIA

RESUMO

Este estudo de revisão pretende mostrar a importância da leitura na formação de novos leitores, buscando ser uma base norteadora a todos os educadores que trabalham e contribuem na formação de novos leitores.

A escola é o ambiente propício para a formação de novos leitores. Durante os anos iniciais do ensino fundamental, a criança é alfabetizada, porém a leitura sem a interpretação é uma questão alarmante para professores alfabetizadores. Para mudar este cenário e formar cidadãos alfabetizados após o período escolar é preciso rever toda a metodologia de ensino durante o ciclo de alfabetização. Para uma melhor compreensão, será abordada de forma breve, a história da escola brasileira, desde o período do Brasil colonial até os dias atuais, para entendermos a falta de leitores no Brasil é uma questão cultural. Serão também analisados quais os métodos de leitura são mais eficazes para a formação de novos leitores, respeitando a individualidade e características de cada indivíduo durante sua formação como leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Leitores; Alfabetização; Leitura critica.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente é evidente a ausência de leitores na população brasileira. Pretende-se no decorrer deste breve estudo investigar de forma os motivos que originaram a realidade deste cenário e o que a ausência de leitura pode ocasionar no desenvolvimento do indivíduo.

A escrita é uma prática expressiva de comunicação presente em toda a sociedade. Um ambiente esteticamente letrado, consequentemente exige a leitura para sua interpretação. Ler é poder compreender por meio de diversos textos de diversos gêneros. A leitura é uma potente ferramenta para a autonomia do indivíduo, pois em uma sociedade onde trocas sociais são feitas predominantemente por meio da leitura, escrita, linguagem verbal e visual, a inserção do indivíduo na cultura letrada significa dar-lhe poder.

SOLÉ (1998, p.24) refere-se á leitura como “um processo de interação entre o leitor e o texto, em busca de uma finalidade”. Para que a leitura atinja sua finalidade, o estímulo para a leitura deve começar desde a educação infantil.

Será abordada de forma sistêmica a história da sociedade moderna, desde as primeiras escolas, ainda no período do Brasil colonial até os dias atuais. Isso se faz necessário para a compreensão do cenário atual e assim refletir sobre nossas praticas docente na formação de leitores.

Este estudo pretende defender a leitura na formação das pessoas, pois a leitura se faz necessária na formação de cidadãos críticos, pensantes e participativos.

Atualmente, apesar de a educação estar disponível para todas as crianças, a qualidade do ensino oferecido ainda é alvo de questionamentos, visto que o interesse pela leitura ainda é muito pequeno.

Esta pesquisa tem o caráter qualitativo, e para o seu desenvolvimento foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, a fim de explanar os pontos já discutidos atualmente no cenário educacional brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO

[...] Ler é uma questão de formar um sentido na impressão, e a significatividade é a base do aprendizado. [...] Refiro-me [...] à riqueza de impressão dependente da situação que pode ser encontrada em cada produto do banheiro, em cada pote ou pacote na cozinha, no guia (e em comerciais) de televisão, gibis, catálogos, panfletos de anúncio, listas telefônicas, sinais de rua, letreiros de lojas [...] Toda esta impressão é significativa; faz uma diferença.

Para se estudar a leitura, se faz necessário percorrer uma breve história da escola brasileira, com foco no ensino infantil, mais precisamente no ciclo hoje denominado por muitos pesquisadores como ciclo de “alfabetização”. (PCN.1997).

Não pretendemos discutir de onde veio a escrita desde seu gênesis. Pois este estudo deseja observar a história da educação brasileira, com o intuito de refletirmos nossas praticas para agir como agente transformador no número de leitores intelectuais brasileiros.

Ao se retratar a história da educação brasileira, é interessante começarmos pelo século XIX, pois antes deste período a educação era somente com o cunho de propagar a fé crista católica. A companhia de Jesus era composta por padres que ensinavam da bíblia e o básico de linguagem, leitura e cálculos. (Serrão,1982 e Almeida, 2000).

O povo se dividia de acordo com sua

posição social, a elite e os burgueses obtinham acesso as escolas de primeiro grau enquanto a maior parte da população que era composta por pobres e escravos, só tinha a obrigação de trabalhar e servir a classe dominante. (Romanelli, 2001).

Em meados do século XIX após a independência do Brasil e a criação de leis, o método de ensino era liberal burguês, isto em nada tem a ver com liberdade e universalização do ensino, o objetivo era defender os interesses da classe dominante, apesar de a escola já ser um direito na constituição. Ela era somente para uma parcela mínima da população. (Romanelli, 2001).

Os nobres e os burgueses tinham acesso as obras literárias, enquanto a maioria da população tinha somente o mínimo de ensino e consequentemente o domínio da leitura.

Durante muito tempo a educação brasileira foi somente para uma parcela mínima da sociedade, além disso, os métodos pedagógicos eram antiquados, pois os alunos eram tidos como meros "depósitos" de conhecimento.

Este método de ensino conhecido como "tradicional" foi denominado pelo saudoso professor Paulo Freire como "método bancário" onde o professor somente depositava no aluno os conhecimentos sem respeitas suas características próprias de aprendizagem. (Patto. 1993)

Ao analisarmos um trecho da obra de Maria Helena Souza Patto em que ela cita Freire, podemos constatar tal pensamento:

[...] o educador faz "comunicações" e depósitos que os educandos, meras incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem educação. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os deposito, guarda-los e arquiva-los. (Patto.1993. p.62).

Somente com o passar do século XIX que a educação brasileira começou a se tornar menos excludente. Foram criadas leis que definissem diretrizes a seguir para a educação, com o intuito de modernização, universalização do ensino e estrutura tanto metodológicas como organizacionais dos espaços físicos dos estabelecimentos de ensino.

A LDB de 1961 demorou um período de 1947 a 1961 para ser finalizada. Ela foi construída em meio a um grande conflito de interesses entre os liberais do movimento escola novista, que defendiam a escola pública e seu ensino laico e de responsabilidade da união. E pela igreja católica que defendia a escola privada e a não interferência do estado na educação. (LDB4024/61)

A primeira LDB foi formulada por os liberais que defendiam uma educação para todos e de qualidade. Entre os idealizadores destaca-se o educador Anísio Teixeira e o deputado Darcy Ribeiro. Considerado o pai da escola pública brasileira, Anísio Teixeira contribuiu muito para a libertação e mudança da educação, inspirado no americano Johh Dewey que seguia uma linha de escola para todos, e defensor de uma postura mais vertical entre alunos e professores. (Romanelli, 2001)

Em 1971 influenciado pelo regime militar as leis que regem a educação sofreram mudanças negativas. Com o intuito de transferir a responsabilidade da educação para as escolas particulares, os militares criaram uma série de impedimentos para a escola pública. (LDB5692/71)

Na pratica a educação mais uma vez se torna disponível para poucos e o acesso à leitura extremamente censurado pelo governo. Somente com o fim do regime militar este cenário começou a mudar.

Com a criação da LDB de 1996 a escola tornou-se universal, o estado assumiu a responsabilidade de oferecer acesso ao ensino para todos.

Art. 4º. O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (LDB9394/96. p 2)

Porém, na pratica o acesso à leitura ocorre somente por uma parcela mínima da sociedade, isso ocorre devido à cultura escolar de deposito de conhecimento. O aluno somente repete o que o professor pede. Toda a criticidade a auto reflexão, que a leitura proporciona, não estão presentes nos currículos das escolas brasileiras.

É claro que no plano político pedagógico (PPP) de uma escola, esta como meta oferecer aos alunos o domínio da leitura, porém há diferentes métodos de leitura. Como pretendemos abordas no decorrer deste estudo.

Podemos concluir por tanto que a própria cultura dominante acaba esmagando a formação de novos leitores. Constatamos que o baixo número de leitores no Brasil se dá por conta da própria cultura do brasileiro. É necessário mudar a cultura escolar e intelectual com o intuito de formar cada vez mais leitores.

Percorremos uma breve história da escola brasileira e com isso podemos refletir através de metodologias de ensino como a formação de leitores ocorre. Fica nítida a necessidade de novas formas de aguçar nos alunos o interesse pela leitura. Para suprirmos tal tarefa. Iremos entender o que é ler

algo e quais as formas de leitura.

2.1 - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA / ESCRITA

[...] a escrita foi produzida principalmente em função da necessidade de registro da propriedade e do fluxo do comércio. Desenvolveu-se e sofisticou-se à medida que a sociedade de classes, centrada na apropriação da riqueza por parte de seus membros e pelo poder exercido por este grupo sobre todos os demais, expandiu-se.

A escrita surgiu com o poder. Surgiu para garantir a propriedade, a posse, a diferença, o controle da mercadoria, o estabelecimento de normas e procedimentos. É tardia, na história da cultura escrita, a utilização deste instrumento escrita como veículo de comunicação. É certo que, na atualidade, ela se presta a uma infinidade de funções, entre as quais está a comunicação [...] Mas sua função primordial, a de produzir uma sociedade regrada e normatizada, continua sendo a de maior relevância. (BRITTO, 2005, s.n.).

As capacidades de; reconhecer o alfabeto, reconhecer as pontuações, dominar a relação entre escrita e fala, fluidez de leitura são aprendidas durante os anos inicias do ensino fundamental, porém estas são capacidades básicas que não se dão por si só, é necessário dominar a capacidade de compreensão, apreciação e réplica. (Rojo. 2002)

Durante o processo de leitura é importante o sujeito ter um conhecimento prévio sobre o mundo em geral, é claro que ele não saberá de antemão o conteúdo do texto, porém e necessário ter um conhecimento prévio para poder entender o que o autor do texto quis transmitir. (Smith. 1989)

Se durante o processo de leitura a sincronia entre leitor e autor falhar, haverá uma lacuna na compreensão do texto. Por isso é importante ler fazendo conexões com o que já se sabe para adquirir gradativamente conhecimento. (Smith. 1989)

O leitor pode obter uma antecipação ou predição dos conteúdos do texto. Ao se deparar com um texto ele não aborda como uma folha em branco. De acordo com a fonte (livro, jornal, revista, artigos, sites entre outros) ele gera hipóteses tanto sobre o conteúdo como a forma do texto. (Smith. 1998)

Essas hipóteses podem ser geradas pelo título do texto, pela disposição na página, através de fotos, legendas, ilustrações entre outras formas. Frank Smith (1998) afirmou que essas hipóteses se tratavam de um "jogo de adivinhação", o leitor com essa estratégia de leitura não precisa se prender totalmente a cada palavra do texto, adiantando assim o conteúdo a fluidez e compreensão do conteúdo.

Ao utilizar essas hipóteses o leitor estará constantemente confrontando o autor, ele poderá concordar ou discordar do conteúdo do texto, podendo ainda buscar novas hipóteses e fontes de conhecimento do assunto.

O leitor deve constantemente buscar pelas fontes do texto, em certas práticas como o estudo e trabalho, um conteúdo indevido pode gerar grandes problemas. Por tanto e indispensável ao leitor o conhecimento geral do mundo, para poder ler de forma crítica analisando as fontes e conteúdo de forma imparcial e coerente. Deve-se comparar diferentes obras literárias, para assim criar sua própria identidade como leitor. (Smith. 1998)

Esta leitura crítica e muito importante, porém existem práticas de leituras onde essa criticidade pode ser menos operante. Em caso de leituras por entretenimento, de um livro de contos, por exemplo, a criticidade não e relevante, sendo a imaginação e o prazer pela leitura o ponto principal. (Rojo. 2002)

Pensando como educador, é importante gerarmos nos alunos o gosto pela leitura, primeiramente devem-se pensar conteúdos que sejam leituras de entretenimento, criando nos alunos a vontade de ler.

Para alcançarmos tal tarefa, é importante gerar no aluno a capacidade de apreciação e réplica. Isso é fazê-lo capaz de interpretar um texto discursivamente. Para tal e preciso ao se deparar com um texto indagar. Quem é o autor do texto? Qual a ideologia que ele assume e coloca em circulação? Como ele cria valores aos seus conteúdos? Esses valores são positivos ou negativos?

Todas essas indagações são necessárias para se gerar uma leitura crítica e cidadã. Se o leitor não tiver essa capacidade ele não e capaz de dialogar com o autor. Ele acaba por se tornar refém do texto.

A escola tem por obrigação ensinar ao aluno ler. Como podemos ver assegurado na LDB de 1996:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo (LDB,9394/96 Art32.I).

Além de ensinar a ler, é necessário formar cidadãos plenos, o aluno deve ser visto como um sujeito individual, que possui seu próprio ritmo de aprendizagem.

A escola deve abandonar a metodologia de ensino tradicional, Paulo Freire citava a educação brasileira como "educação bancaria" como aqui já mencionamos. Porém podemos constatar que para formar leitores essa metodologia tem que ser revista pelos

educadores

É muito importante formar leitores que leem de forma crítica para se tornarem cidadãos plenos e intelectualmente ativos. A escola como instituição do saber, tem a obrigação de formar para o exercício da cidadania e não existe cidadania sem o acesso à informação.

Vamos analisar estre trecho dos parâmetros curriculares nacionais:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCN.1997 p15).

Como podemos constatar ao longo deste estudo a escola tem papel fundamental na formação de novos leitores, devem-se formar leitores interessados que tenham vontade de ler e prazer na leitura.

Podemos refletir algumas estratégias de leituras aqui expostas, é papel de o educador gerar no aluno o gosto pela leitura, porém e essencial que seja uma leitura crítica e compreensiva do texto, fazendo com que o leitor possa dialogar com o autor durante o texto. A escola por tanto tem que oferecer mais do que o domínio de ler, pois ler sem compreensão de nada serve para formar leitores, e a leitura e a escrita são dimensões quase indissociáveis, e ambas devem ser ofertadas às crianças logo na educação infantil.

Inúmeros estudos apontam os benefícios da inserção precoce da criança na cultura do letramento, incentivando o contato da criança com o universo letrado já na primeira infância. Desde muito cedo, o ser humano já anseia descobrir o mundo e compreende-lo, e a leitura dá ao indivíduo autonomia para isso.

As palavras de Vygotski (1995, p. 201, tradução minha) vêm evidenciar essa percepção de que a aprendizagem da linguagem escrita pela criança deve representar uma necessidade dela:

[...] que a escrita deve ter sentido para a criança, que deve ser provocada por necessidade natural, como uma tarefa vital que lhe é imprescindível. Unicamente, então, estaremos seguros de que se desenvolverá na criança não como um hábito de suas mãos e dedos, mas como um tipo realmente novo e complexo de linguagem.

Ao compreender que a leitura deve começar a ser estimulada desde a primeira etapa da educação básica, é necessário que esteja evidente qual o objetivo e como fazer tal estímulo nesta etapa de educação, visto que o processo de alfabetização não deve se fazer presente na educação infantil.

Alguns dos objetivos esperados para o ensino da leitura na Educação Infantil, são citados no RCNEI (BRASIL, 1998b, p. 131):

Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir de as outras pessoas, elaborar e responder perguntas;

Familiarizar com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;

Escutar textos lidos, apreciando a leitura pelo professor; d) Escolher os livros para ler e apreciar.

Outra estratégia para o trabalho da leitura na educação infantil, é a contação de histórias. Bamberger (1995, p. 24) define que "contar histórias em voz alta utilizando livros com gravuras é muito importante para a motivação da criança e o desenvolvimento de seu vocabulário". Contar uma história para a criança é a primeira estratégia a ser utilizada para que a criança comece a criar um vínculo afetivo com o ato de ler. Ainda de acordo com Bamberger (1988, p. 32) "A leitura suscita as necessidades de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais." Nesse sentido, Abramovich (1989, p. 17) afirma:

Ler histórias para criança, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

Compreender que a finalidade da leitura na educação infantil é o início da inserção do indivíduo na cultura escrita por meio do aumento de seu repertório é importante para que o processo de letramento não seja confundido com o processo de alfabetização, e a leitura alcance sua finalidade para esta etapa da educação básica.

Neste sentido, o professor tem papel fundamental no ensino da leitura, sendo o mediador nas diversas práticas de leitura

que ocorrem dentro da sala de aula, utilizando de diferentes recursos para realizar uma atividade de grande interesse e significativa para a criança.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorremos a história da educação brasileira podemos observar o desafio que é para o educador formar novos leitores. A escola e a educação básica são locais sociais de ensino e aprendizagem de conhecimentos gerados pela humanidade.

A escola tem o caráter formativo do indivíduo através de informação, indicação, regras, modelos, mas também e um local de formação do sujeito social. Pensando neste viés é indispensável rever o currículo e metodologia escolar.

Buscamos através deste estudo, servir de ajuda a todos os educadores que pretendem formar novos leitores. Abordando resumidamente a história da escola brasileira com o intuito de mudar gradativamente o cenário atual de leitores brasileiros.

O educador como agente transformador deve elaborar estratégias de acordo com cada aluno para formar novos leitores, deve-se abandonar a ideia de ensino autoritário onde o aluno só copia o que é emposto a ele.

Podemos concluir que a leitura é muito importante para a formação do leitor, porém é necessário criar estratégias para que esta leitura seja prazerosa por parte do educando. Pois se ele ler somente o que é obrigado para cumprir suas obrigações acadêmicas. Ao sair da escola ele irá se tornar um adulto que não lê, e consequentemente a escola irá falhar em sua missão principal que é formar cidadãos aptos para exercer a cidadania.

Concluímos então que não existe cidadania sem leitura, formar leitores é uma das tarefas mais difíceis por parte dos educadores, porém existem algumas estratégias aqui expostas, que podem provar que a leitura na formação de leitores é sim extremamente importante para a vida toda do indivíduo.

3 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÀFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1961.

BRASIL. LEI nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Historia / Ministério da Educação.

Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Vol. 2. Brasília, A Secretaria, 1998.

_____. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília:

MEC/SEF, 1998b, v. 3.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação Infantil e Cultura Escrita. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). Linguagens Infantis: outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro:Record, 1998.

KLEIMAN, A. (1989a) Texto & Leitor - Aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1999

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: . (Conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB).

MARCUSCHI, L. A. (1996) Exercícios de compreensão ou compilação nos manuais de ensino de língua. Revista em Aberto. Brasília: INEP-MEC.

PATTO. M. H. S. (1993). A produção do fracasso escolar: Historias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz

ROJO, R. H. R. (2002) A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs:

"Ler é melhor do que estudar". In M. T. A. Freitas & S. R. Costa (orgs) Leitura e Escrita na Formação de Professores, pp. 31-52. SP: Musa/UFJF/INEPCOMPED.

ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SERRÃO, J. V. História de Portugal: o despotismo iluminado (1750-1807). v. 6, Lisboa: Editorial Verbo, 1982.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SMITH, F. (1989) Compreendendo a leitura. Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas.

SOARES, M. (1998) Letramento - Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica.

VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N.. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 6. ed. São Paulo: Ícone: edi-

tora da Universidade de São Paulo, 1998a. p. 119-142.

_____. Uma Contribuição à Teoria do desenvolvimento da Psiquê Infantil. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N.. Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1998b. p. 59- 84.